



Universidade de Aveiro Departamento de Educação  
2011

**NÉLIA AVEIRO  
CASTRO**

**CREDIBILIDADE DA VÍTIMA E PERCEPÇÃO DO  
AGRESSOR COM BASE NA FACE**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica da Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos, Professora Auxiliar Convidada do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro

## **o júri**

presidente

Prof. Doutor Carlos Fernandes da Silva  
professor catedrático da Universidade de Aveiro

Prof. Doutora Patrícia Paula Lourenço e Arriaga Ferreira  
professora investigadora auxiliar no Centro de Investigação e Intervenção Social do Instituto  
Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa – Instituto Universitário de Lisboa

Prof. Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos  
professora auxiliar convidada da Universidade de Aveiro

## **agradecimentos**

À Professora Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos, não só pela excelente orientação, mas sobretudo pelo acompanhamento incansável.

Aos elementos da amostra que se disponibilizaram a colaborar e que, por isso, tornaram possível a realização deste estudo.

À minha família que me apoiou ao longo de todo este percurso. Agradeço em particular à minha mãe, à minha tia Francisca e à minha irmã que estiveram sempre presentes nos momentos mais importantes da minha vida e que me depositaram confiança para ir cada vez mais longe.

À Diana, por tudo que não vou esquecer.

À Marina e à Patrícia, pela amizade, pela força e coragem que me transmitiram.

À Salomé, pelos momentos de partilha, companheirismo e pelos vários sorrisos trocados.

À Soraia pelo apoio e pelos longos dias passados a trabalhar arduamente.

E, por fim, à pessoa que me acompanhou sempre e que, apesar de muitas dificuldades, nunca me deixou desistir, que confiou sempre nas minhas capacidades e, sobretudo, por me transmitir positividade, amor e carinho. Obrigada Pimpinho!

**palavras-chave**

vítima, agressor; atractividade, agressividade, confiabilidade, credibilidade, culpabilidade, depoimento, pena, responsabilidade, severidade.

**resumo**

Mediante uma revisão da literatura científica acerca da formação de juízos de valor associados à tomada de decisão em processos judiciais, foi possível identificar diversos aspectos que parecem interferir no veredicto do juiz em situações de crime doloso, entre as quais as características faciais dos elementos envolvidos. Assim, o presente estudo visa averiguar se as características sociais inferidas a partir das faces - mais propriamente o grau percebido de confiabilidade e de atractividade da vítima, assim como o grau percebido de atractividade e agressividade do agressor - exercem influência no modo como avaliamos a credibilidade do depoimento da vítima, por um lado, e por outro lado, a culpabilidade do agressor, em situações de crime sexual e não sexual. Para o efeito, foram apresentados aos participantes dois tipos de crimes, com respectivo depoimento da vítima. Foi-lhes depois pedido que visualizassem diversas caras de potenciais vítimas e potenciais agressores, previamente seleccionadas de acordo com o seu grau de atractividade, confiabilidade e agressividade, e que respondessem, para cada uma delas, a algumas questões relacionadas com a credibilidade do depoimento da vítima e a culpabilidade do agressor. A amostra foi composta por 64 estudantes universitários. Os resultados obtidos apontam para uma influência positiva da atractividade e negativa da agressividade na avaliação dos intervenientes em situações criminais. Estes resultados levantam questões pertinentes relativas aos processos de julgamento e à possibilidade de se tomar uma decisão apenas baseada na avaliação dos factos e isenta de enviesamentos.

**keywords**

victim; aggressor; attractiveness; aggressiveness; trustworthiness; credibility; culpability; testimony; verdict; responsibility; severity.

**Abstract**

Through a review of scientific literature about judgments associated with decision making in legal contexts, it was possible to identify several aspects that seem to interfere with the verdict of the judge in cases of intentional crime, including the facial features of the elements involved. Thus, this study aims to investigate whether social characteristics inferred from the faces - more specifically the degree of perceived trustworthiness and attractiveness of the victim, and the degree of perceived attractiveness and aggressiveness of the aggressor – influence the way we evaluate the credibility of the victims' testimony and the culpability of the aggressor, in situations of sexual and nonsexual crime. To this end, participants were presented two types of crimes, with the testimony of the victim in each case. After, participants were asked to visualize various faces of potential victims and potential aggressors, previously selected according to their level of attractiveness, trustworthiness and aggressiveness, and to respond, in relation to each of them, to a number of questions related to the credibility of the victim' testimony and the culpability of the aggressor. The sample was composed by 64 students. The results obtained indicate a positive influence of attractiveness and a negative influence of aggressiveness on the evaluation of the persons involved in criminal situations. These findings raise important questions regarding the trial process and the possibility of making a decision just based on the evaluation of facts and free from biases.

## Índice

I - Introdução .....	1
II - Metodologia.....	11
1. Participantes.....	11
2. Materiais .....	12
3. Procedimentos .....	14
III - Resultados .....	15
1. Responsabilidade da vítima .....	16
2. Veracidade do depoimento da vítima.....	17
3. Probabilidade de ser efectivamente o agressor .....	18
4. Culpabilidade do agressor .....	19
5. Severidade da pena a ser atribuída ao agressor .....	20
IV - Discussão .....	22
V - Conclusões.....	26
VI - Referências Bibliográficas .....	27
Anexos.....	31

## **Índice de Tabelas**

<b>Tabela 1.</b> Médias dos estímulos seleccionados para as faces femininas.....	13
--	----

<b>Tabela 2.</b> Médias dos estímulos seleccionados para as faces masculinas .....	14
--	----

## **Índice de Figuras**

<b>Figura 1.</b> Médias da responsabilidade atribuída à vítima, para as faces de atractividade alta e baixa e confiabilidade alta e baixa. ....	17
--	----

<b>Figura 2.</b> Médias da veracidade atribuída ao depoimento da vítima para os níveis alto e baixo das características. ....	18
--	----

<b>Figura 3.</b> Médias da probabilidade atribuída ao agressor, para as faces de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa. ....	19
---	----

<b>Figura 4.</b> Médias da culpabilidade atribuída ao agressor, para as faces de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa .....	20
---	----

<b>Figura 5.</b> Médias da severidade da pena atribuída ao agressor, para as faces de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa .....	21
--	----





## I - Introdução

O presente estudo tem como objectivo estudar, por um lado, a influência da atractividade e confiabilidade da vítima na percepção da sua responsabilidade face ao que aconteceu e na credibilidade do seu depoimento, e, por outro lado, a influência da atractividade e agressividade do potencial agressor na estimativa de probabilidade de que seja efectivamente o agressor, na percepção da sua culpabilidade e na severidade da pena a ser atribuída. Pretende-se assim, verificar se estas características interferem na forma como os participantes avaliam ambos os intervenientes numa situação de crime, tanto de natureza sexual como não sexual. Esta investigação pretende complementar os poucos estudos existentes que avaliam o impacto da aparência da vítima na credibilidade do seu depoimento. Apesar de existirem já alguns estudos que avaliam a interferência da aparência do agressor no julgamento e na pena atribuída, a literatura sobre a influência da aparência facial da vítima é relativamente mais escassa.

Neste âmbito, é fundamental compreender a forma como ocorrem as primeiras impressões com base na aparência facial e o impacto que têm na área forense, entre outras. A face humana transmite uma vasta quantidade de informações significativas sobre o indivíduo, sendo por isso, uma fonte crucial para a realização de inferências a diferentes níveis, como sejam traços de personalidade, estados emocionais e categorias sociais (Santos, Iglesias, Olivares, & Young, 2010). Contudo, a validade externa das ilações realizadas a partir da face continua a suscitar algumas dúvidas, na medida em que, na sua maioria, os julgamentos efectuados não correspondem às características psicológicas reais dos alvos (Alley, 1988; Shepherd, 1989; cit. in Santos et al., 2010). Apesar disso, diversos trabalhos têm demonstrado que as pessoas concordam entre si nos seus julgamentos de um modo geral (Cook, 1939; Paunonen, Ewan, Earthy, Lefave, & Goldberg, 1999; Zebrowitz, Voinescu, & Collins, 1996; cit. in Santos et al., 2010) e, mais especificamente para traços de natureza mais física (ex., maturidade e atractividade, Zebrowitz, Montepare, & Lee, 1993, cit. in Rule et al., 2010) e traços

de personalidade (ex., extroversão, Kenny, Albright, Malloy, & Kashy, 1994, cit. in Rule et al., 2010) a partir das faces. Esta unanimidade poderá mesmo prevalecer entre culturas. Por exemplo, um estudo comprovou que as avaliações da atractividade em alvos de raças distintas foram idênticas entre americanos e participantes de Taiwan (Cunningham, Roberts, Barbee, Druen, & Wu, 1995, cit. in Rule et al., 2010). Kościński (2008) também refere a existência de uma elevada consistência na percepção da atractividade facial ao nível inter-populacional, defendendo que esta possui bases biológicas e culturais.

Vários estudos foram realizados no sentido de averiguar como são formadas as primeiras impressões ao nível da face. De uma maneira geral, parecem ser formadas de modo espontâneo, rápido e muitas vezes de forma inconsciente para o avaliador (Ballew & Todorov, 2007; Bar, Neta, & Linz, 2006; Rule & Ambady, 2008; Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009; Willis & Todorov, 2006; cit. in Olivola & Todorov, 2010), sendo processadas a partir de rostos desconhecidos em menos de 100 ms (Bar et al., 2006; Willis & Todorov, 2006; cit. in Bzdok et al., 2011; Todorov, Said, Engell, & Oosterhof, 2008). Isto ocorre para diversos julgamentos sobre a personalidade (Bar et al., 2006; Hassin & Trope, 2000; Weisbuch et al., 2009; Willis & Todorov, 2006; Zebrowitz, 1997; cit. in Gamond et al., 2011; Todorov et al., 2008), tais como inteligência, honestidade e extroversão (Shepherd, 1989; Zebrowitz, 1998; cit. in Santos et al., 2010), mas no caso de juízos que se julgam serem úteis em termos de sobrevivência, o tempo de exposição necessário é ainda menor (ex., no nível de ameaça que uma pessoa apresenta) (Bar et al., 2006, cit. in Santos et al., 2010). A confiabilidade e a agressividade são exemplos elucidativos de julgamentos acerca da personalidade, que se formam num curto espaço de tempo (Bar et al., 2006; Todorov et al., 2009; Willis & Todorov, 2006; cit. in Oosterhof & Todorov, 2009).

Estudos recentes têm demonstrado que estes julgamentos têm impacto social numa variedade de decisões em diferentes domínios de elevada importância, tais como, o êxito nas interações sociais (Olivola & Todorov, 2010), o sucesso eleitoral (Rule et al., 2010), decisões de condenação penal, eleições

governamentais, inferências relativas à dominância na predição da hierarquia militar (Todorov et al., 2008), decisões do juiz em tribunal (Zebrowitz & McDonald, 1991, cit. in Rule et al., 2010), decisões de condenação penal (Blair, Judd, & Chapleau, 2004, cit. in Oosterhof & Todorov, 2009), escolha de parceiro (Olivola et al., 2009 in Olivola & Todorov, 2010), escolhas relacionadas com decisões de contratação, promoção na carreira e comportamento de voto (Collins & Zebrowitz, 1995, cit. in Rule et al., 2010; Langlois et al., 2000; Todorov, Goren, Mandisodza, & Hall, 2005; cit. in Buckingham et al., 2006), previsão do lucro das empresas com base no rosto dos seus chefes executivos (Regra & Ambady, 2008, 2009, cit. in Rule et al., 2010) e expectativas dos professores sobre a capacidade intelectual das crianças (Clifford & Walster, 1973, cit. in Rule et al., 2010).

Vamos agora focar a nossa revisão de literatura nas características de atractividade e confiabilidade, as quais foram incluídas no presente estudo. A percepção de atractividade parece estar relacionada com determinadas características físicas, e associada a outras inferências sociais. Nomeadamente, as faces masculinas são consideradas mais atraentes e dominantes quando apresentam traços de maturidade, tais como sobrancelhas grossas, rosto quadrado e queixo grande, enquanto se infere mais atractividade e filiação de faces femininas com características de cara de bebé, sobrancelhas finas, rosto redondo e queixo pequeno (Chiao, Bowman, & Gill, 2008).

Callan, Powell e Ellard (2007) referem que a percepção da atractividade facial exerce grande influência na forma como as pessoas interagem e respondem aos outros. Esta característica surge associada a um “efeito halo”, no qual se tende a atribuir qualidades positivas às pessoas percebidas como atraentes, enquanto se atribuem qualidades negativas a pessoas pouco atraentes (Griffin & Langlois, 2006, cit. in Rule, Ambady, & Adams, 2009; Verhulst, Lodge, & Lavine, 2010). Por exemplo, uma série de características desejáveis podem ser associadas às pessoas atraentes, tais como: “saúde física e mental, inteligência, competência, sociabilidade, assertividade, eficiência erótica, realização profissional e felicidade” (Dion et al., 1972; Etcoff, 1999; Langlois et al., 2000; cit. in Kościński, 2008, p. 94).

Contudo, existem também alguns atributos negativos que são por vezes atribuídos às pessoas com faces atraentes, tais como egoísmo, presunção e vaidade (Eagly et al., 1991; Feingold, 1992; cit. in Kościński, 2008).

Este efeito halo da atractividade parece ser universal culturalmente (Dion et al., 1972; Langlois et al., 2000; cit. in Verhuls et al., 2010) e parece ter uma influência significativa na forma como nos comportamos em relação aos outros (Clifford & Walster, 1973, cit. in Rule et al., 2009). Assim, as pessoas percepcionadas como atraentes são consideradas mais favoráveis e estão mais susceptíveis de receber um tratamento melhor relativamente às menos atraentes (Eagly, Ashmore, Makhijani, & Longo, 1991; Feingold, 1992; Langlois et al., 2000; cit. in Callan et al., 2007; Kościński, 2008). Observa-se por exemplo, que às pessoas mais atraentes é oferecida mais ajuda pelas outras pessoas (Benson, Karabenick, & Lerner, 1976, cit. in Callan et al., 2007), que réus atraentes são condenados a penas mais leves (Erian, Lin, Patel, Neal, & Geiselman, 1998, cit. in Callan et al., 2007), que as pessoas atraentes são percepcionadas como mais qualificadas para o trabalho (Hosada, Stone-Romero, & Coats, 2003, cit. in Callan et al., 2007) e que podem auferir de ordenados mais elevados. Para além disso, pensa-se que têm normalmente bons traços personalidade (Langlois et al., 2000, cit. in Bzdok et al., 2011) e recebem melhor tratamento ao nível da saúde (Kurdahi, Badr, Zahr, & Abdallah, 2001, cit. in Callan et al., 2007). Porém, as pessoas não têm consciência deste processo, dado que ocorre a um nível implícito (van Leeuwen & Macrae, 2004, cit. in Rule et al., 2009; Dion et al., 1972; Langlois et al., 2000; cit. in Verhuls et al., 2010).

O efeito de halo da atractividade e o estereótipo “o que é bonito é bom” (Dion et al., 1972, cit. in Porter, Brinke, & Gustaw, 2010) estão então directamente relacionados com a atribuição de certas características da personalidade aos seres humanos, como é o caso da confiabilidade das faces (Langlois et al., 2000, cit. in Buckingham et al., 2006). Vários estudos comprovaram que os estereótipos sobre a atractividade favorecem as pessoas atraentes (Agnew, 1984; Cavior, Hayes, & Cavior, 1974; Gross & Crofton, 1977; cit. in Valla, Ceci, & Williams, 2011). Isto

ocorre também na relação entre criminalidade e aparência, onde a atratividade parece desempenhar um papel fundamental (Valla et al., 2011). De acordo com Visser (1987), existem três tipos de factores que podem afectar a tomada de decisão dos jurados em situação real: as características pessoais do jurado, as características das vítimas e dos réus e, por último, as provas. A literatura sugere que as características pessoais dos jurados não parecem afectar de forma significativa os julgamentos (Visser, 1987). Ao contrário, vários estudos revelam que as características dos réus e vítimas, entre as quais o seu grau de atratividade, podem afectar significativamente a decisão dos jurados (Visser, 1987).

Concretamente, os réus atraentes têm maior probabilidade de serem considerados inocentes e menos perigosos (Porter et al., 2010). A atratividade parece influenciar no veredicto e nas sentenças proclamadas (Monahan & Loftus, 1982, cit. in Valla et al., 2011), sendo que pessoas atraentes são julgadas menos severamente em comparação com as pessoas pouco atraentes, recebendo sentenças mais brandas (Dumas & Testé, 2006; Visser, 1987). No entanto, a interferência desta característica nestes julgamentos depende da natureza do delito, no sentido em que réus atraentes não têm qualquer benefício nos casos em que esta particularidade tenha facilitado a infracção cometida (Sigall & Ostrove, 1975, cit. in Dumas & Testé, 2006). A meta-análise realizada por Mazzella e Feingold's (1994, cit. in Dumas & Testé, 2006) evidenciou que as sentenças mais leves para réus atractivos são tidas para roubos, estupro e fraude. O mesmo não sucede para homicídios por negligência e para burla, em que o efeito contrário da atratividade é notório (Dumas & Testé, 2006). Por outro lado, em relação à atratividade da vítima não se observam efeitos estáveis na severidade da sentença (Mazzella & Feingold's, 1994, cit. in Dumas & Testé, 2006).

Associada aos estereótipos mencionados advém a crença da existência de um mundo justo. De acordo com esta crença, as pessoas mais bonitas, às quais são normalmente atribuídas qualidades positivas e uma vida mais desejável, merecem obter bons resultados, não sendo admissível a ocorrência de injustiças para com elas (Dion & Dion, 1987, cit. in Callan et al., 2007). Para testar esta crença, Callan et

al. (2007) elaboraram dois estudos que visavam averiguar as implicações da atractividade física em situações de vitimização. Num primeiro estudo os participantes tiveram acesso a um artigo que revelava a história de uma mulher que morreu no seu apartamento vítima de uma negligência na manutenção do edifício e a uma fotografia da vítima (atraente ou não). Os resultados indicaram que os participantes classificaram a morte de uma vítima atraente como mais trágica, injusta e foram mais punitivos nesta mesma condição. Num segundo estudo, foi exposta aos participantes uma história de uma jovem envolvida num incêndio numa casa, tendo a alguns sido dito que a vítima sofreu muito e a outros que o sofrimento da vítima foi mínimo. Foi igualmente incluída uma foto da suposta vítima, a qual tiveram que reconhecer mais tarde a partir de sete versões digitais alteradas, que diferiam no nível de atractividade. Concluiu-se que os participantes se recordaram de uma vítima menos atraente para a versão da história em que a jovem passou por um sofrimento mais elevado, em relação à que passou por um menor sofrimento. Estes resultados são de extrema importância, uma vez que demonstram que a atractividade facial de uma vítima pode também desempenhar um papel fundamental na tomada de decisão do juiz.

Alguns estudos investigaram ainda a possível existência de estereótipos de faces criminais e não criminais, bem como tipos de rostos passíveis de cometer certos delitos (Bull & McAlpine, 1998, cit. in Dumas & Testé, 2006). Nestes estudos foi pedido aos participantes que associem retratos de acordo com uma categoria de crimes seleccionados de uma lista (Dumas & Testé, 2006). Com base nos resultados obtidos, concluíram que o nível de concordância entre os participantes era elevado, assim como o nível de confiança com que expressaram as suas opiniões (Dumas & Testé, 2006). Ou seja, certas faces foram vistas como sendo congruentes com determinadas infracções penais (Porter et al., 2010; Dumas & Testé, 2006). A literatura indica que rostos percebidos como congruentes com a infracção cometida são mais propensos a obterem veredictos de culpados, do que pessoas com faces incongruentes (Macrae & Shepherd, 1989; Shoemaker et al., 1973; cit. in Porter et al., 2010; Dumas & Testé, 2006). Até mesmo quando as provas

contra o réu são escassas, a probabilidade de ser considerado culpado é elevada (Dumas & Testé, 2006).

No que se reporta à avaliação da confiabilidade, esta é indispensável na medida em que modula o comportamento e a relação com estranhos. A incorrecta percepção de confiabilidade pode ter graves consequências negativas quando, por exemplo, confiamos em indivíduos de má índole, pelo risco em que incorremos. Também quando não confiamos em indivíduos confiáveis podemos perder uma oportunidade para a cooperação, que é uma componente essencial da vida diária e um pré-requisito para a evolução cultural e social (Rilling et al., 2002; Cosmides & Tooby, 1992/2000; cit. in Bzdok et al., 2011).

Um estudo que pretendia apurar qual a interferência da atenção nas respostas eléctricas cerebrais a faces avaliadas como muito ou pouco confiáveis concluiu que não é necessária uma atenção focalizada e um julgamento explícito desta característica para que ocorra uma modulação da actividade neuronal em função dos níveis de confiabilidade (Santos et al., 2010). Estes resultados poderão ser relacionados com determinados mecanismos de sobrevivência, a qual pode depender da avaliação destas características sociais (Santos et al., 2010). Foi ainda demonstrado que a confiabilidade parece ser a característica que primeiramente se infere quando nos deparamos com um rosto desconhecido (Tuk, Verleghe, Smidts, & Wigboldus, 2009). Este processo parece ser muito eficiente porque, com o aumento do tempo de exposição, aumentam os níveis de confiança na resposta, mas não se altera a primeira impressão atribuída à face (Tuk et al., 2009). É de salientar que as avaliações de atractividade e confiabilidade estão positivamente correlacionadas entre si, ou seja, faces avaliadas como confiáveis são susceptíveis de serem avaliadas como atractivas, e vice-versa (Todorov et al., 2008, cit. in Bzdok et al., 2011).

Na perspectiva de Porter e ten Brinke (2009, cit. in Porter et al., 2010) e de acordo com a DDT (Dangerous Decisions Theory), os juízes e membros do júri são susceptíveis de subconscientemente preferirem provas que confirmem a avaliação inicial de confiabilidade por eles efectuada, sendo que as restantes evidências

apresentadas vão perder relevância a favor desta avaliação e, posteriormente podem actuar nas decisões sobre o alvo. Neste sentido, pode dizer-se que se forma uma visão de túnel sobre o acontecimento (Porter et al., 2010). Para a DDT as impressões de confiabilidade reflectem-se na confiança dos veredictos, ou seja, a confiabilidade afecta não só os veredictos, como também a confiança com que os jurados avaliam os diferentes tipos de crimes que se deparam (Porter et al., 2010). Outras características inferidas com base na aparência facial poderão também afectar a credibilidade do que foi relatado por um informante (Spellman & Tenney, 2010). Uma delas é a já referida atractividade, que surge geralmente associada à honestidade. Entre outras, incluem-se também a aparência de cara de bebé, os olhos grandes, a expressão de positividade (ex., o sorrir) e a simetria facial (Zebrowitz, Voinescu, & Collins, 1996, cit. in Spellman & Tenney, 2010).

Num estudo de DDT, desenvolvido por Porter et al. (2010) foi pedido aos participantes que avaliassem a culpa do suposto réu através da apresentação de crimes de grande e pouca gravidade, acompanhados pelas suas provas e por uma fotografia de rosto do presumido réu (previamente avaliadas como altamente confiáveis a nada confiáveis pela sua aparência). Concluiu-se que os participantes necessitavam de menos evidência para atribuir com segurança um veredicto de culpado para faces de réus nada confiáveis, principalmente em situações de crimes graves (i.e. homicídio) (Porter et al., 2010). Pelo contrário, não havia diferenças nos julgamentos para crimes menos graves (Porter et al., 2010). Em suma, a confiabilidade percebida a partir da aparência facial parece ter implicações significativas na atribuição de culpabilidade ao réu. No entanto, pouco se sabe sobre o efeito dessa mesma característica na avaliação do testemunho da vítima.

Como se pode constatar, através dos estudos anteriormente mencionados, a confiabilidade é uma das características inferidas através da face que já foi incluída em vários estudos que avaliam a sua influência nas avaliações de culpabilidade do agressor. Desta forma, na presente investigação optou-se por analisar outra característica, a agressividade, que, tal como a confiabilidade, é uma característica de personalidade que é inferida através da face de forma rápida e



espontânea (Bar, Neta, & Linz, 2006; Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009; Willis & Todorov, 2006; cit. in Oosterhof & Todorov, 2009). Demonstrou-se que 100 ms de exposição a um rosto desconhecido é suficiente para realizar inferências sobre a agressividade da pessoa (Willis & Todorov, 2006, cit. in Gamond et al., 2011).

Marquart (1993, cit in Porter et al., 2010), da Suprema Corte do Canadá, concluiu que a avaliação da credibilidade é da competência dos leigos. Contudo, qualquer pessoa pode retirar as suas próprias conclusões sobre se alguém está a mentir ou a dizer a verdade. Adicionalmente, no caso da Suprema Corte, Francois (1994, cit in Porter et al., 2010), a jurada McLachlin revelou: “No final, o júri deve decidir se acredita na história da testemunha no seu todo ou em parte. Essa determinação baseia-se (...) sobretudo no comportamento da testemunha e no senso comum do júri” (p. 478). No entanto, “(...) pesquisas empíricas sugerem que a detecção do engano é um processo com erros que ocorre aproximadamente em 45% de todas as avaliações” (Bond & DePaulo, 2006, cit in Porter et al., 2010, p. 478). Apesar de ser impossível identificar quantas vezes ocorrem erros de avaliação de credibilidade em tribunais, sabe-se que existem muitas condenações injustas baseadas em mero senso comum (Porter et al., 2010). Este argumento defendido pelo tribunal é por si um factor de perigo e que merece especial atenção (Porter et al., 2010). Considerando que o nosso sistema de justiça reconhece que as suas decisões não são infalíveis, torna-se fundamental questionar a validade da avaliação da credibilidade no tribunal, uma vez que de decisões incorrectas poderão advir graves consequências individuais e sociais (Porter et al., 2010). Para além disso, levanta-se aqui uma questão ética e constitucional referente ao direito do acusado na obtenção de um julgamento justo.

Na óptica de Kaufmann, Drevland, Wessel, Overskeid e Magnussen (2003), a percepção de credibilidade é em grande parte influenciada por estereótipos sociais relativos a expressões emocionais adequadas. No estudo efectuado por estes autores, os participantes visualizaram dois vídeos do depoimento de uma vítima de violação para um cenário mais forte (violação em que a vítima rejeita sistematicamente os avanços do agressor e resiste activamente quando ele se

aproxima fisicamente) e outro menos forte (violação onde não há descrição clara se a vítima tentou defender-se fisicamente), manipulando três condições emocionais relativamente à emoção exibida pela vítima: congruente, neutra e incongruente. Os resultados evidenciam que a percepção de credibilidade diminui para expressões neutras e incongruentes, e o veredicto de culpado é maior para o cenário mais forte do que o menos forte para todas as condições emocionais.

Pretende-se com esta investigação apurar qual a influência das características sociais inferidas através da face na tomada de decisão de um juiz. No caso da vítima, as características seleccionadas para este estudo foram a atractividade e a confiabilidade, investigando-se o seu efeito ao nível da credibilidade do seu depoimento e da avaliação da sua responsabilidade perante o que lhe aconteceu. Tanto quanto sabemos, estes aspectos nunca tinham sido antes investigados, uma vez que estudos anteriores não davam ênfase a este tipo de inferências relativamente à vítima. Apenas o estudo realizado por Kaufmann et al. (2003) se debruçou sobre a influência das expressões emocionais da vítima na avaliação da credibilidade do seu depoimento. No que diz respeito ao agressor, optou-se por analisar o impacto que a atractividade e a agressividade percebida ao nível da face têm sobre a avaliação da probabilidade de que se trate efectivamente do agressor, do seu grau de culpabilidade e da severidade da pena que lhe deveria ser atribuída. Seleccionou-se a característica agressividade dado que, comparativamente à confiabilidade, esta ainda não foi incluída em estudos referentes às avaliações em situações criminais relativamente aos agressores. Dado que a literatura sugere que o impacto das características faciais no processo de julgamento pode depender do tipo de crime (Dumas & Testé, 2006; Porter et al., 2010), incluímos ainda dois cenários de crime de natureza diferente: um crime sexual (violação) e outro não sexual (assalto).

Com base na literatura anteriormente revista, formularam-se as seguintes **hipóteses**:

1. A vítima é considerada menos responsável quando a sua atractividade é alta (para os dois crimes);

2. O grau de responsabilidade atribuído à vítima é maior quando o seu grau de confiabilidade é baixo (para ambos os crimes);
3. O depoimento de uma vítima muito confiável e muito atraente é mais credível (nos dois tipos de crime);
4. A probabilidade da face ser considerada a do agressor é maior quando a agressividade percebida é alta e a atractividade é baixa (para ambos os crimes);
5. O agressor é considerado mais culpado quando o seu grau de atractividade é baixo e o seu grau de agressividade é alto (para os dois crimes);
6. A pena a atribuir é mais severa quando o suposto agressor aparenta agressividade alta e atractividade baixa (em ambos os crimes).

## **II – Metodologia**

### **1. Participantes**

Para avaliação inicial das características sociais com base na aparência facial, que precedeu a selecção dos estímulos para o presente estudo, recorreu-se a uma amostra de 16 estudantes universitários, 10 do sexo feminino e 6 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 18 e os 27 anos ( $M = 23.5$ ,  $DP = 1.97$ ). Estes participantes realizaram as avaliações de atractividade e confiabilidade das caras femininas e agressividade das caras masculinas. Na avaliação da atractividade para as fotos do sexo masculino, a amostra foi composta por 15 estudantes universitárias do sexo feminino.

No estudo principal obteve-se uma amostra total de 64 estudantes universitários, 32 do sexo masculino e 32 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 18 e os 47 anos ( $M = 23.66$ ,  $DP = 5.46$ ).

Ambos os participantes, quer do estudo pré-experimental, quer do estudo experimental preencheram previamente um consentimento informado (cf. Anexo A e B, respectivamente).

## 2. Materiais

No estudo pré-experimental utilizaram-se 183 fotos do sexo feminino e 240 fotos do sexo masculino, apresentadas aos participantes através do programa *E-Prime*. As fotos foram recolhidas da base de dados de estímulos faciais do Instituto de Karolinska (Lundqvist, Flykt, & Öhman, 1998), da base de dados de faces e pessoas da Universidade de Texas em Dallas (O'Toole et al., 2005), da The CMU Pose, Illumination, and Expression (PIE) database<sup>1</sup>, da Psychological Image Collection at Stirling (PICS)<sup>2</sup> e ainda de alguns websites. Os únicos critérios de selecção foram: faces caucasianas, com expressão emocional neutra, em posição frontal e com idades compreendidas entre os 20 e 40 anos.

Para formatação das imagens recorreu-se ao programa *Adobe Photoshop CS4 Extended*, no qual se uniformizaram as fotos para uma altura de 500 pixels e uma resolução de 72 pixels/polegada, e se transformaram todas as fotos em imagens a preto e branco. Substituiu-se o background por um fundo branco, com o mesmo formato rectangular à volta da face. As faces foram avaliadas com escalas de *Likert* de 1 a 7 pontos para as várias características, sendo os extremos classificados como: 1 = nada atraente e 7 = muito atraente (para a atractividade); 1 = nada confiável e 7 = muito confiável (para a confiabilidade); 1 = nada agressivo e 7 = muito agressivo (para a agressividade).

Com base nas avaliações realizadas pelos participantes das faces femininas, para a característica confiabilidade obtiveram-se estímulos que variam entre o extremo máximo de 5.3 e um mínimo de 1.7 ( $M = 3.6$ ,  $DP = 0.72$ ), enquanto para a atractividade os estímulos se situam entre 1.2 e 6.8 ( $M = 2.8$ ,  $DP = 1.38$ ). Quanto às faces masculinas, a agressividade atingiu um mínimo de 2.1 e um máximo de 5.9 ( $M = 3.9$ ,  $DP = 0.73$ ) e para a atractividade obtiveram-se estímulos compreendidos entre 1.1 e o extremo máximo de 6.3 ( $M = 2.3$ ,  $DP = 1.00$ ).

---

<sup>1</sup>Fonte: [http://www.ri.cmu.edu/research\\_project\\_detail.html?project\\_id=418&menu\\_id=261](http://www.ri.cmu.edu/research_project_detail.html?project_id=418&menu_id=261)

<sup>2</sup> Fonte: <http://pics.psych.stir.ac.uk/>

Depois da avaliação das faces no estudo pré-experimental, foram seleccionadas 40 fotos femininas e 40 fotos masculinas, sendo para cada sexo 10 fotos com um nível alto e 10 fotos com um nível baixo em cada uma das características manipuladas (atractividade e confiabilidade para as mulheres, e atractividade e agressividade para os homens). Os *sets* seleccionados para cada característica foram emparelhados relativamente à outra característica manipulada para o mesmo sexo. Cada *set* foi dividido em *sub-set* A e *sub-set* B (cada um com o mesmo número de caras), que foram utilizados para contrabalançar a associação entre cada crime e o conjunto de faces que era mostrado (metade dos participantes via o crime 1 com o *set* A e o crime 2 com o *set* B, enquanto a outra metade via o inverso). As médias para cada *set* de caras femininas e caras masculinas podem ser observadas nas Tabelas 1 e 2, respectivamente.

Tabela 1

*Médias dos estímulos seleccionados para as faces femininas*

	Confiabilidade		Confiabilidade		Atractividade		Atractividade	
	Baixa		Alta		Baixa		Alta	
	M (C)	M (A)	M (C)	M (A)	M (A)	M (C)	M (A)	M (C)
<i>Set A</i>	2.5	2.2	4.7	2.4	1.5	3.2	6.0	3.5
<i>Set B</i>	2.6	2.2	4.7	2.4	1.4	3.3	6.1	3.4

*Nota:* C – confiabilidade; A – atractividade.

Tabela 2

*Médias dos estímulos seleccionados para as faces masculinas*

	Agressividade		Agressividade		Atractividade		Atractividade	
	Baixa		Alta		Baixa		Alta	
	M	M	M	M	M	M	M	M
	(Ag)	(At)	(Ag)	(At)	(At)	(Ag)	(At)	(Ag)
Set A	2.6	2.3	5.5	2.1	1.4	3.3	5.8	3.0
Set B	2.6	2.2	5.5	2.1	1.4	3.3	5.7	3.1

*Nota:* Ag – agressividade; At – atractividade.

Para o estudo experimental elaboraram-se descrições de dois crimes (violação e assalto), assim como depoimentos da vítima para cada uma das situações. Estes materiais foram elaborados com base em alguns artigos de jornais e outras descrições de crimes e depoimentos pesquisados no Jornal de Notícias – Crime, The Sun, The Times e alguns websites.

Para a apresentação dos estímulos, desenvolveu-se um programa com o software *E-Prime* que apresentava as respectivas instruções, as fotos de hipotéticas vítimas do sexo feminino e agressores do sexo masculino, as questões relativas às fotos apresentadas (duas questões para as vítimas e três questões para os agressores) e registava as respostas dos participantes. Elaboraram-se dois cadernos, nos quais se encontrava a descrição de um crime, seguido do seu depoimento, depois um outro crime e depoimento (cf. Anexo C (incluiu-se somente um dos exemplares, uma vez serem praticamente idênticos e só diferirem pela ordem de apresentação dos crimes)). A ordem de apresentação dos crimes foi contrabalançada entre participantes.

### 3. Procedimentos

No que concerne ao estudo principal propriamente dito, os participantes tiveram que ler dois crimes, um de natureza sexual e outro de natureza não sexual e o depoimento correspondente (em formato papel). Esta leitura era realizada

apenas no momento indicado pelas instruções que apareciam no ecrã de computador. O segundo crime e respectivo depoimento apenas eram lidos após se ter completado toda a tarefa para o primeiro crime. Após a leitura do primeiro crime e depoimento, era apresentada uma sequência de fotos, primeiro das hipotéticas vítimas (fotos femininas) e depois dos potenciais agressores (fotos masculinas). Para cada foto, os participantes tiveram que responder, utilizando uma escala de *Likert* de 7 pontos, a determinadas questões. Para as vítimas, as questões eram: 1. *“Se esta fosse a vítima neste crime, qual o grau de veracidade que atribui ao seu depoimento?”*; 2. *“Se esta fosse a vítima neste crime, qual o grau de responsabilidade que atribui ao seu próprio comportamento pelo que lhe aconteceu?”*. Para os agressores, as questões eram: 1. *“Qual a probabilidade de que este indivíduo seja efectivamente o agressor neste crime?”*; 2. *“Se este fosse o agressor neste crime, qual o grau de culpabilidade que lhe atribui pelo crime cometido?”*; 3. *“Se este fosse o agressor neste crime, qual o grau de severidade da pena que lhe deve ser atribuída?”*. Todo o procedimento era repetido após a leitura do segundo crime e respectivo depoimento, conduzindo assim, a uma duração total de aproximadamente quinze minutos da experiência por participante. A ordem de apresentação dos crimes (violação e assalto) foi contrabalançada entre participantes e a associação dos *sub-sets* de fotos (A e B) a cada um dos crimes foi igualmente contrabalançada.

### III - Resultados

Com o intuito de estudar a influência das características sociais inferidas a partir da face na avaliação de situações criminais, realizaram-se várias análises de variância (ANOVA) de medidas repetidas, considerando como variáveis independentes intra-sujeitos o tipo de crime (violação ou assalto), a característica (atractividade e confiabilidade no caso das vítimas, ou atractividade e agressividade no caso dos agressores) e o nível da característica (alto ou baixo). Para a análise dos efeitos das características faciais na percepção das vítimas, as

variáveis dependentes foram o grau de responsabilidade da vítima e o grau de veracidade do seu depoimento. Para análise dos efeitos das características faciais na percepção dos agressores, as variáveis dependentes foram a probabilidade de ser efectivamente o agressor, o grau de culpabilidade do agressor e a severidade da pena que lhe deverá ser atribuída.

Inicialmente pretendia-se também averiguar o efeito do sexo do participante nas respostas dadas. No entanto, os resultados obtidos não foram significativos, pelo que se optou por eliminar esta variável.

Em seguida serão apresentados os resultados correspondentes a cada uma das variáveis dependentes em análise. Os efeitos principais obtidos para a variável independente “característica” não serão reportados, visto não serem relevantes para os objectivos do estudo em causa. No âmbito deste projecto, efeitos da variável “característica” apenas têm significado em interacção com a variável “nível”.

## 1. Responsabilidade da vítima

Relativamente à responsabilidade da vítima, verificou-se um efeito principal da variável **crime** [ $F(1, 63) = 10.00$ ,  $MSE = 7.04$ ,  $p = .002$ ], o que significa que os participantes atribuíram um nível de responsabilidade superior no crime de violação ( $M = 4.02$ ) comparativamente ao crime de assalto ( $M = 3.28$ ). Quanto à variável **nível**, apurou-se um efeito principal [ $F(1,63) = 9.74$ ,  $MSE = 0.56$ ,  $p = .003$ ], no qual os participantes conferiram um grau de responsabilidade superior para os níveis altos das características em estudo ( $M = 3.75$ ) relativamente aos níveis baixos das características ( $M = 3.55$ ). Verificou-se igualmente, uma interacção significativa entre **característica e nível** [ $F(1,63) = 9.12$ ,  $MSE = 0.66$ ,  $p = .004$ ], sendo que os participantes atribuíram maior responsabilidade às faces que apresentam atractividade alta ( $M = 3.93$ ) em relação às com atractividade baixa ( $M = 3.50$ ). Pelo contrário, não se verificaram diferenças significativas para a característica confiabilidade. Os resultados relativos a esta interacção podem ser observados na Figura 1. Não se observou um efeito de interacção significativo



entre crime e característica [ $F(1,63) = 0.03$ ,  $MSE = 0.18$ ,  $p = .854$ ], assim como na relação entre crime e nível [ $F(1,63) = 0.63$ ,  $MSE = 0.27$ ,  $p = .428$ ] e na relação entre crime, característica e nível [ $F(1,63) = 0.42$ ,  $MSE = 0.28$ ,  $p = .517$ ].

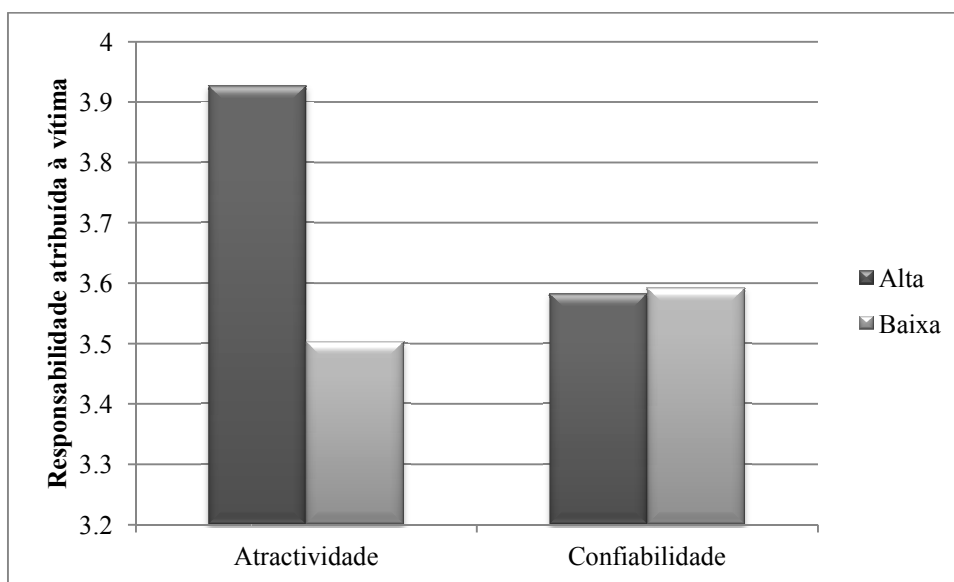


Figura 1. Médias da responsabilidade atribuída à vítima, para as faces de atractividade alta e baixa e confiabilidade alta e baixa.

## 2. Veracidade do depoimento da vítima

No que concerne à veracidade do depoimento da vítima, constatou-se um efeito principal para a variável **nível** [ $F(1,63) = 29.55$ ,  $MSE = 0.79$ ,  $p < .001$ ], indicando que os participantes atribuíram maior veracidade, globalmente, para os níveis altos das características ( $M = 4.91$ ) comparativamente aos níveis baixos das características ( $M = 4.48$ ). Estes resultados podem ser observados na Figura 2. No entanto, não foram encontrados efeitos significativos para a variável crime [ $F(1,63) = 2.31$ ,  $MSE = 1.29$ ,  $p = .134$ ], o mesmo aconteceu na interacção entre crime e característica [ $F(1,63) = 1.02$ ,  $MSE = 0.43$ ,  $p = .316$ ], na interacção entre crime e nível [ $F(1,63) = 0.14$ ,  $MSE = 0.47$ ,  $p = .709$ ], na interacção entre característica e nível [ $F(1,63) = 1.04$ ,  $MSE = 0.96$ ,  $p = .311$ ] e na interacção entre crime, característica e nível [ $F(1,63) = 0.06$ ,  $MSE = 0.70$ ,  $p = .809$ ].

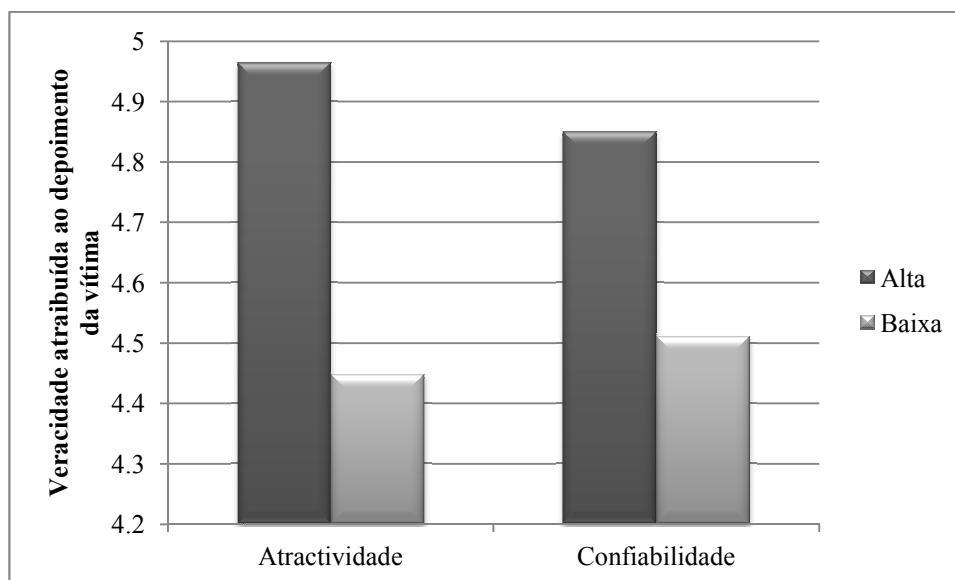


Figura 2. Médias da veracidade atribuída ao depoimento da vítima para os níveis alto e baixo das características.

### 3. Probabilidade de ser efectivamente o agressor

Examinando a probabilidade da face apresentada ser considerada como sendo efectivamente a do agressor, para a variável **nível** obteve-se um efeito principal [ $F(1,63) = 52.64$ ,  $MSE = 0.74$ ;  $p < .001$ ], no qual os participantes atribuíram maior probabilidade às faces que apresentam níveis altos das características ( $M = 4.45$ ) em relação aos níveis baixos das características ( $M = 3.90$ ). Verificou-se também uma interacção significativa entre **crime e característica** [ $F(1,63) = 36.98$ ,  $MSE = 0.39$ ,  $p < .001$ ], o que significa que os participantes atribuíram maior probabilidade às caras seleccionadas para a característica agressividade ( $M = 4.45$ ), em comparação à característica atractividade ( $M = 3.79$ ), no crime de assalto. No entanto, no crime de violação as diferenças encontradas não foram significativas. Constatou-se também um efeito de interacção entre as variáveis **característica e nível** [ $F(1,63) = 22.55$ ,  $MSE = 1.96$ ,  $p < .001$ ], sendo que os participantes conferiram maior probabilidade para os níveis altos da característica agressividade ( $M = 4.90$ ) e para os níveis baixos de atractividade ( $M = 4.03$ ), em relação, respectivamente, aos níveis baixos de agressividade ( $M = 3.77$ ) e a níveis altos de atractividade ( $M = 3.99$ ). Estes

resultados podem ser observados na Figura 3. Contudo, não se verificaram efeitos significativos para a variável crime [ $F(1,63) = 1.40$ ,  $MSE = 0.97$ ,  $p = .241$ ], assim como para a relação entre crime e nível [ $F(1,63) = 0.00$ ,  $MSE = 0.58$ ,  $p = .982$ ] e na interacção entre crime, característica e nível [ $F(1,63) = 0.52$ ,  $MSE = 1.01$ ,  $p = .473$ ].

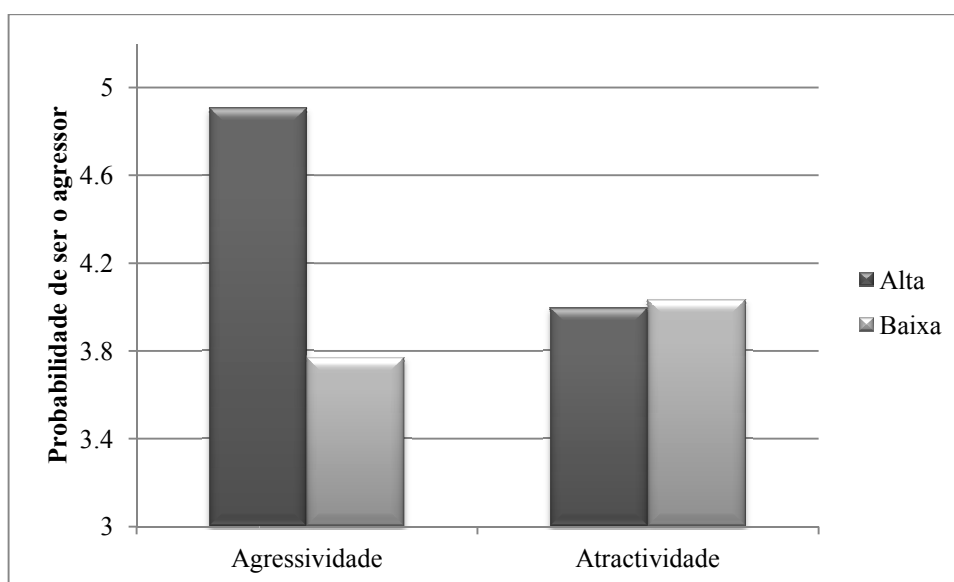


Figura 3. Médias da probabilidade atribuída ao agressor, para as faces de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa.

#### 4. Culpabilidade do agressor

Analisando a culpabilidade do agressor verificou-se um efeito principal da variável **crime** [ $F(1,63) = 4.05$ ,  $MSE = 1.50$ ,  $p = .048$ ], no qual os participantes atribuíram maior culpabilidade ao agressor no crime de violação ( $M = 5.94$ ), em relação ao crime de assalto ( $M = 5.72$ ). Verificou-se também um efeito principal da variável **nível** [ $F(1,63) = 11.57$ ,  $MSE = 0.50$ ,  $p = .001$ ], onde os participantes atribuíram maior culpabilidade para os níveis altos das características ( $M = 5.94$ ) relativamente aos níveis baixos das características ( $M = 5.73$ ). Foi igualmente observado um efeito de interacção entre **crime e característica** [ $F(1,63) = 10.29$ ,  $MSE = 0.23$ ,  $p = .002$ ], sendo que, no crime de assalto, os participantes atribuíram maior culpabilidade às caras seleccionadas para a característica agressividade ( $M = 5.87$ ) relativamente às caras seleccionadas para a característica atractividade ( $M = 5.72$ ).

=5.58). No crime de violação existe uma tendência para os participantes considerarem as caras seleccionadas para a agressividade ( $M = 5.95$ ) como mais culpadas, comparativamente às caras seleccionadas para a característica atractividade ( $M = 5.93$ ), embora não alcance o nível de significância estatística. Constatou-se ainda uma interacção significativa entre as variáveis **característica e nível** [ $F(1,63) = 7.48$ ,  $MSE = 1.32$ ,  $p = .008$ ], onde os participantes atribuíram maior culpabilidade a níveis altos de agressividade ( $M = 6.15$ ) e a níveis baixos de atractividade ( $M = 5.79$ ), em relação, respectivamente, aos níveis baixos de agressividade ( $M = 5.66$ ) e a níveis altos de atractividade ( $M = 5.72$ ). No entanto, as diferenças para atractividade não foram significativas. Estes resultados podem ser observados na Figura 4. Não foram encontrados efeitos de interacção significativos entre crime e nível [ $F(1,63) = 1.96$ ,  $MSE = 0.21$ ,  $p = .166$ ], assim como na relação entre crime, característica e nível [ $F(1,63) = 0.20$ ,  $MSE = 0.53$ ,  $p = .654$ ].

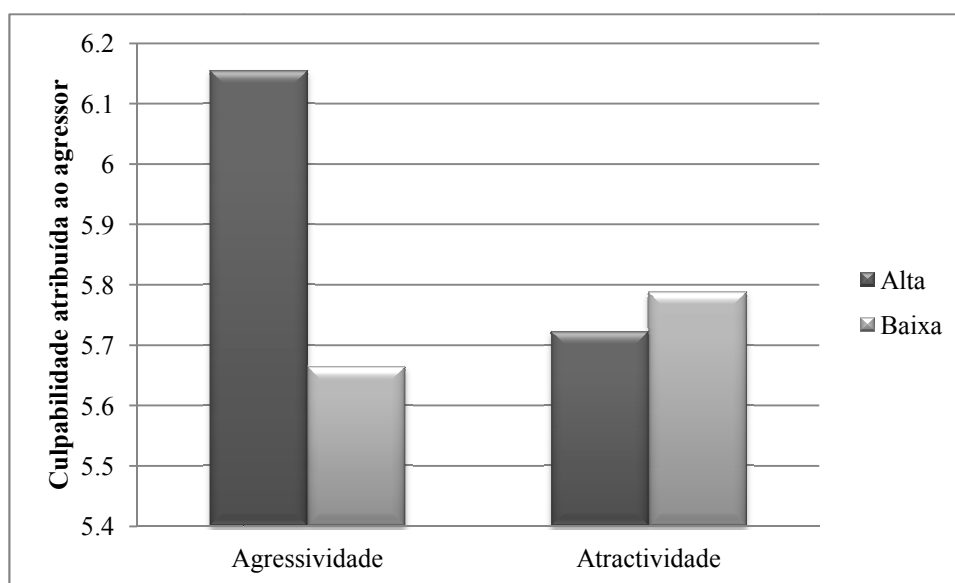


Figura 4. Médias da culpabilidade atribuída ao agressor, para as facés de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa.

## 5. Severidade da pena a ser atribuída ao agressor

Por fim, na severidade da pena, verificou-se um efeito principal da variável **crime** [ $F(1,63) = 11.13$ ,  $MSE = 1.54$ ,  $p = .001$ ], sendo que os participantes

atribuíram maior severidade na pena para o crime de violação ( $M = 6.16$ ), comparativamente ao crime de assalto ( $M = 5.80$ ). Foi igualmente observado um efeito principal para a variável **nível** [ $F(1,63) = 7.77$ ,  $MSE = 0.49$ ,  $p = .007$ ], onde os valores mais altos para a severidade da pena se verificaram para os níveis altos das características ( $M = 6.07$ ) relativamente aos níveis baixos das características ( $M = 5.89$ ). Verificou-se também uma interacção significativa entre as variáveis **crime e característica** [ $F(1,63) = 9.96$ ,  $MSE = 0.14$ ,  $p = .002$ ], onde os participantes atribuíram penas mais severas às caras seleccionadas para a característica agressividade ( $M = 5.90$ ) relativamente às caras seleccionadas para a característica atractividade ( $M = 5.69$ ), quanto ao crime de assalto. Contudo, para o crime de violação as diferenças não foram significativas. Foi ainda apurada uma interacção significativa entre as variáveis **característica e nível** [ $F(1,63) = 6.60$ ,  $MSE = 0.91$ ,  $p = .013$ ], sendo que, a severidade da pena é mais elevada para níveis altos de agressividade ( $M = 6.23$ ) e para níveis baixos de atractividade ( $M = 5.95$ ), em relação, respectivamente, aos níveis baixos de agressividade ( $M = 5.84$ ) e a níveis altos de atractividade ( $M = 5.90$ ). Estes resultados podem ser observados na Figura 5. Pelo contrário, para a interacção entre crime e nível [ $F(1,63) = 1.07$ ,  $MSE = 0.16$ ,  $p = .304$ ] e para a interacção entre crime, característica e nível [ $F(1,63) = 0.00$ ,  $MSE = 0.40$ ,  $p = .944$ ] não foram observados efeitos significativos.

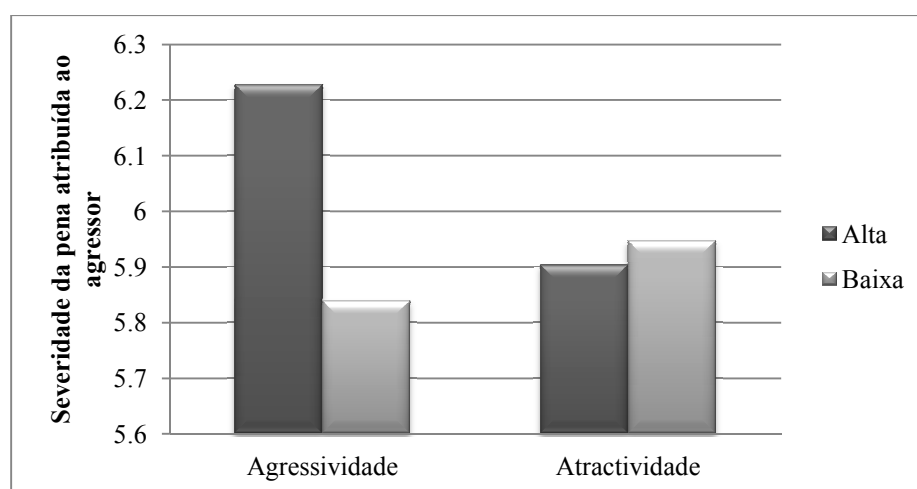


Figura 5. Médias da severidade da pena atribuída ao agressor, para as faces de agressividade alta e baixa e atractividade alta e baixa.

#### IV- Discussão

No que diz respeito à percepção das vítimas, verificou-se que os participantes atribuíram maior responsabilidade pelo que lhes aconteceu às faces com níveis altos de atractividade, o que contrapõem a nossa primeira hipótese. Estes resultados sugerem que, em relação à vítima, os estereótipos relativos à atractividade (efeito halo e o estereótipo “o que é bonito é bom”) não se verificam, tal como seria de esperar de acordo com a literatura. Todavia poderá fazer sentido à luz da teoria do mundo justo (Dion & Dion, 1987, cit. in Callan et al., 2007), na medida em que a melhor forma de se justificar o que aconteceu é pensar que elas foram mais responsáveis pela situação em que se viram envolvidas, pois, desta forma, não seria considerado uma injustiça. Todavia, é pertinente referir que a maioria da literatura sobre a atractividade nesta área diz respeito à forma como se percebe o agressor e não a vítima. Isto poderá indicar que na percepção da vítima, o efeito da atractividade seja diferente.

Relativamente à confiabilidade, os resultados obtidos não foram significativos, indicando que esta característica não teve influência sobre a percepção da responsabilidade das vítimas, o que vai contra a nossa segunda hipótese. Apesar de características positivas como a confiabilidade serem normalmente atribuídas a pessoas atraentes (Langlois et al., 2000, cit. in Buckingham et al., 2006), é possível que quando se controla o grau de atractividade das caras (como foi o caso do presente estudo), a característica confiabilidade em si mesma não seja relevante para a avaliação do comportamento da vítima. Para além disso, estudos anteriores examinaram o efeito desta característica apenas ao nível do julgamento do agressor (Porter et al., 2010). Os resultados presentes parecem indicar que essa característica poderá não ser tão relevante ao nível da percepção da vítima.

A credibilidade atribuída ao depoimento da vítima foi maior para níveis altos das faces para as duas características em estudo, quer isto dizer, que os participantes atribuíram maior veracidade aos depoimentos quando a vítima é

muito atraente e muito confiável, o que comprova a terceira hipótese. Pode-se explicar este resultado através do estereótipo do “efeito halo” (Griffin & Langlois, 2006, cit. in Rule et al., 2009; Verhuls et al., 2010) e do estereótipo “o que é bonito é bom” (Dion et al., 1972, cit. in Porter et al., 2010). É possível ainda comprovar que, nestes resultados, a DDT exerce uma função essencial, onde as interpretações prévias das faces acerca da confiabilidade revelam implicações na avaliação da credibilidade, tal como o exposto por Porter e ten Brinke (2009, cit. in Porter et al., 2010). Spellman e Tenney (2010) referem que a atratividade também interfere no julgamento da credibilidade, o que se pode observar nestes resultados.

Na questão sobre a probabilidade da cara apresentada pertencer efectivamente à do agressor, os participantes atribuíram maior probabilidade às faces com níveis altos de agressividade e níveis baixos de atratividade, o que permite confirmar a quarta hipótese. Contudo, em termos estatístico, os resultados obtidos para a atratividade também não foram significativos. Este resultado torna-se relevante, na medida em que a maioria dos estudos anteriormente realizados não apuraram correlações significativas entre as características inferidas a partir da face e as características reais das caras (Alley, 1988; Shepherd, 1989; cit. in Santos et al., 2010), assim como, corrobora com a hipótese de concordância entre participantes nos seus julgamentos realizados acerca da agressividade (Kenny, Albright, Malloy, & Kashy, 1994, cit. in Rule et al., 2010).

Quanto à questão sobre a culpabilidade do agressor, as faces que apresentavam níveis baixos de atratividade e níveis altos de agressividade foram as que obtiveram graus de culpabilidade mais elevados corroborando a quinta hipótese. Apesar dos resultados obtidos para a atratividade não serem estatisticamente significativos, estes confirmam o que foi referido por Visher (1987) e Porter et al., (2010), segundo os quais os réus atraentes têm menos probabilidade de serem considerados culpados. Por outro lado, a agressividade, característica da personalidade que é inferida espontaneamente e rapidamente através da face (Bar, Neta, & Linz, 2006; Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009; Willis & Todorov, 2006; cit. in Oosterhof & Todorov, 2009), demonstrou que

poderá influenciar fortemente este tipo de julgamentos acerca do agressor. Este resultado acresce informação pertinente, uma vez que a maioria dos estudos não encontra correlação entre as características inferidas com base na aparência facial e as características reais das pessoas (Alley, 1988; Shepherd, 1989; cit. in Santos et al., 2010). Pode-se igualmente inferir que os participantes concordaram entre si nos seus julgamentos acerca da agressividade, tal como mencionado por Kenny, Albright, Malloy e Kashy (1994, cit. in Rule et al., 2010) sobre os julgamentos de traços de personalidade.

Por fim, para a questão da severidade da pena, os participantes atribuíram uma pena maior para faces com níveis altos em agressividade e níveis baixos em atractividade, o que valida a sexta hipótese. Apesar de não se ter verificado valores significativos para a atractividade, estes resultados vão ao encontro do postulado por Erian et al. (1998, cit. in Callan et al., 2007), Visser (1987) e Dumas e Testé (2006), que referem que réus atraentes auferem sentenças mais leves, sendo por isso julgados menos severamente em oposição aos réus pouco atraentes. Novamente, para a agressividade constata-se o que já foi supramencionado, quer ao nível da importância desta característica na avaliação do agressor (Bar, Neta, & Linz, 2006; Todorov, Pakrashi, & Oosterhof, 2009; Willis & Todorov, 2006; cit. in Oosterhof & Todorov, 2009), quer ao nível da correlação entre características inferidas e características reais, no qual ainda não se tinha verificado na maioria das investigações anteriormente realizadas (Alley, 1988; Shepherd, 1989; cit. in Santos et al., 2010), e ainda na concordância destes julgamentos entre participantes (Kenny, Albright, Malloy, & Kashy, 1994, cit. in Rule et al., 2010).

De um modo geral, constatou-se que as características sociais inferidas através da face que foram estudadas neste projecto exerceram influência nas avaliações relativamente a ambos os intervenientes (vítimas e agressores) em situações criminais, corroborando com o que foi referido por Visser (1987), que defende que as características das vítimas e dos réus podem afectar a decisão dos jurados. Quanto à vítima verifica-se que os indivíduos têm presentes os estereótipos do “efeito halo” (Griffin & Langlois, 2006, cit. in Rule et al., 2009;



Verhuls et al., 2010) e do estereótipo “o que é bonito é bom” (Dion et al., 1972, cit. in Porter et al., 2010) na percepção de credibilidade do depoimento. Por outro lado, para o agressor os indivíduos também demonstraram possuir estes estereótipos na percepção da probabilidade da face apresentada ser a do agressor, da culpabilidade e severidade da pena. O resultado mais relevante prende-se com a característica agressividade, onde foi possível apurar a sua grande influência na avaliação do agressor e demonstrou ser percepcionada de igual forma pela maioria dos participantes. Pode-se supor que os participantes ao realizar este tipo de julgamentos recorreram a estereótipos mais complexos ao nível da agressividade.

Quanto às diferenças obtidas entre os dois crimes, observou-se que as fotos apresentadas das supostas vítimas no crime de violação foram consideradas mais responsáveis do que no crime de assalto. Contudo, os presumíveis agressores para o crime de violação também foram considerados mais culpados, comparativamente ao crime de assalto. Num estudo de DDT realizado por Porter et al. (2010), os participantes atribuíram veredictos de culpados a fotos por eles avaliadas como nada confiáveis com mais segurança para crimes graves. Embora não se tenha estudado esta característica para os agressores, possivelmente também neste caso, os participantes interpretaram o crime de violação como sendo o crime mais grave, não sendo assim necessário muita evidência para atribuírem maior culpabilidade aos agressores. Para o crime de assalto foi possível verificar que os participantes atribuíram maior probabilidade a fotos seleccionadas para a agressividade, maior culpabilidade ao agressor e maior severidade à pena também a fotos seleccionadas para a agressividade. Por outro lado, para o crime de violação os valores obtidos não foram significativos.

No decurso desta investigação debruçamo-nos sobre algumas limitações, de entre elas, destaca-se a reduzida amostra para o estudo pré-experimental e a grande disparidade entre o sexo dos participantes, principalmente na avaliação das fotos do sexo masculino para a atractividade, em que a amostra foi apenas composta por estudantes do sexo feminino. Também no estudo experimental a

amostra poderia ter sido alargada. O vasto número de fotos apresentadas para cada um dos crimes poderia ter induzido os participantes ao cansaço na realização da experiência.

Seria pertinente, em investigações futuras, realizar estudos semelhantes com profissionais da área do direito criminal, de modo a analisar se esta influência se verifica também com essa população. Salienta-se também a importância de incluir outras características sociais inferidas através da face, tais como a inteligência e cara de bebé. A realização de mais investigação quanto à influência da aparência da vítima em situações criminais seria também fundamental. Inclusivamente, relevante seria a inclusão de fotos de ambos os sexos quer para as vítimas, quer para os agressores em estudos nesta área e até fotos de indivíduos que tenham sido realmente condenados injustamente.

## **V - Conclusões**

Os resultados desta investigação indicam que o nível de atractividade e confiabilidade inferidos com base na aparência facial da vítima influenciam o grau de credibilidade que é atribuído ao seu depoimento. Este é um resultado inovador, uma vez que são escassos os estudos que se debruçaram sobre os efeitos da aparência das vítimas nos processos de julgamento. Por outro lado, o nível de agressividade e atractividade das caras também afectou a probabilidade da cara apresentada ser considerada como a do agressor, o grau de culpabilidade atribuído e a severidade da pena. Estes resultados vão de encontro a estudos anteriores efectuados relativamente à característica atractividade, embora não se tenham encontrado efeitos tão fortes como seria de esperar. No que diz respeito ao efeito da característica agressividade, que foi muito marcado, trata-se também de um resultado inovador, uma vez que, tanto quanto sabemos, esta característica ainda não tinha sido estudada no âmbito de julgamentos criminais. Em suma, concluiu-se que existe uma influência positiva da atractividade e da confiabilidade no julgamento dos intervenientes no âmbito criminal. Pelo contrário, o nível de

agressividade percebido parece desempenhar um papel negativo neste tipo de avaliações.

Segundo a DDT (Porter et al., 2010), as avaliações iniciais de confiabilidade realizadas pelo juiz influenciam a sua confiança na tomada de decisão em relação ao veredicto do réu. Os resultados obtidos no estudo actual são compatíveis com a DDT, tendo-se verificado que a percepção da atractividade e confiabilidade da vítima, assim como a agressividade e atractividade do agressor, com base nas suas características faciais, têm implicações em situações de tomada de decisão jurídicas simuladas. Se, numa situação real, estas características influenciarem de igual modo as avaliações do juiz, este será incapaz de interpretar as provas com clareza, sem ser dominado pelos seus próprios preconceitos e estereótipos e, realizar um julgamento imparcial e objectivo. Consequentemente, torna-se fundamental investigar esta questão de grande impacto social, também perante os profissionais que participam no processo judicial, com vista a diminuir possíveis erros na avaliação de vítimas e agressores e evitar condenações injustas.

## VI - Referências Bibliográficas

- Buckingham, G., DeBruine, L. M., Little, A. C., Welling, L. L. M., Conway, C. A., Tiddeman, B. P., & Jones, B. C. (2006). Visual adaptation to masculine and feminine faces influences generalized preferences and perceptions of trustworthiness. *Evolution and Human Behavior*, 27, 381-389. doi: 10.1016/j.evolhumbehav.2006.03.001.
- Bzdok, D., Langner, R., Caspers, S., Kurth, F., Habel, U., Zilles, K., ... Eickhoff, S.B. (2011). ALE meta-analysis on facial judgments of trustworthiness and attractiveness. *Brain Struct Funct*, 215, 209-223. doi: 10.1007/s00429-010-0287-4.
- Callan, M. J., Powell, N. G., & Ellard, J. H. (2007). The consequences of victim physical attractiveness on reactions to injustice: The role of observers' belief in a just world. *Social Justice Research*, 20 (4), 433-456. doi: 10.1007/s11211-007-0053-9.

- Chiao, J. Y., Bowman, N. E., & Gill, H. (2008). The political gender gap: Gender bias in facial inferences that predict voting behavior. *PLoS ONE*, 3 (10), 1-7. doi: 10.1371/journal.pone.0003666.
- Dumas, R. & Testé, B. (2006). The influence of criminal facial stereotypes on juridic judgments. *Swiss Journal of Psychology*, 65(4), 237-244. doi: [10.1024/1421-0185.65.4.237](https://doi.org/10.1024/1421-0185.65.4.237).
- Gamond, L. George, N., Lemaréchal, J., Hugueville, L., Adam, C., & Tallon-Baudry, C. (2011). Early influence of prior experience on face perception. *Neuroimage*, 54, 1415-1426. doi: 10.1016/j.neuroimage.2010.08.081.  
[http://www.ri.cmu.edu/research\\_project\\_detail.html?project\\_id=418&menu\\_id=261](http://www.ri.cmu.edu/research_project_detail.html?project_id=418&menu_id=261).  
<http://pics.psych.stir.ac.uk/>.
- Kaufmann G., Drevland, G. C. B., Wessel, E., Overskeid, G., & Magnussen, S. (2003). The importance of being earnest: Displayed emotions and witness credibility. *Applied Cognitive Psychology*, 17, 21-34. doi: 10.1002/acp.842.
- Kościński, K. (2008). Facial attractiveness: Variation, adaptiveness and consequences of facial preferences. *Anthropological Review*, 71, 77-105. doi: 10.2478/v10044-008-0012-6.
- Lundqvist, D., Flykt, A., & Öhman, A. (1998). The Karolinska Directed Emotional Faces - KDEF, CD ROM from Department of Clinical Neuroscience, Psychology section, Karolinska Institutet, ISBN 91-630-7164-9.
- Olivola, C.Y. & Todorov, A. (2010). Fooled by first impressions? Reexamining the diagnostic value of appearance-based inferences. *Journal of Experimental Social Psychology*, 46, 315-324. doi: [10.1016/j.jesp.2009.12.002](https://doi.org/10.1016/j.jesp.2009.12.002).
- Oosterhof, N. N. & Todorov, A. (2009). Shared perceptual basis of emotional expressions and trustworthiness impressions from faces. *Brief Reports*, 9 (1), 128-133. doi: 10.1037/a0014520.
- O'Toole, A. J., Harms, J., Snow, S. L., Hurst, D. R., Pappas, M. R., Ayyad, J. H., & Abdi, H. (2005). A video database of moving faces and people. *IEEE Transactions on Pattern Analysis and Machine Intelligence*, 27(5), 812-816.

- Porter, S., Brinke, L. T., & Gustaw, C. (2010). Dangerous decisions: The impact of first impressions of trustworthiness on the evaluation of legal evidence and defendant culpability. *Psychology, Crime & Law*, 16 (6), 477-491. doi: 10.1080/10683160902926141.
- Rule, N. O., Ambady, N., & Adams Jr, R. B. (2009). Personality in perspective: Judgmental consistency across orientations of the face. *Perception*, 38, 1688-1699. doi: 10.1068/p6384.
- Rule, N. O., Ambady, N., Adams, R. B., Jr, Ozono, H., Satoshi, N., Yoshikawa, S., & Watabe, M. (2010). Polling the face: Prediction and consensus across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 98 (1), 1-15. doi: 10.1037/a0017673.
- Santos, I. M., Iglesias, J., Olivares, E. I., & Young, A. W. (2010). Percepção de confiabilidade em caras: Um estudo com potenciais evocados. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, 3106- 3116. Retirado a 10 de Fevereiro de 2011, de [http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiExp\\_4.pdf](http://www.actassnip2010.com/conteudos/actas/PsiExp_4.pdf).
- Spellman, B. A. & Tenney, E. R. (2010). Credible testimony in and out of court. *Psychonomic Bulletin & Review*, 17 (2), 168-173. doi: 10.3758/PBR.17.2.168.
- Todorov, A., Said, C.P., Engell, A.D., & Oosterhof, N. N. (2008). Understanding evaluation of faces on social dimension. *Trends in Cognitive Sciences*, 12 (12), 455-457. doi: 10.1016/j.tics.2008.10.001.
- Tuk, M. A., Verlegh, P. W. J., Smidts, A. , & Wigboldus, D. H. J. (2009). Interpersonal relationships moderate the effect of faces on person judgments. *European Journal of Social Psychology*, 39, 757-767. doi: 10.1002/ejsp.576.
- Valla, J. M., Ceci, S. J., & Williams, W. M. (2011). The accuracy of inferences about criminality based on facial appearance. *Journal of Social, Evolutionary, and Cultural Psychology*, 5 (1), 66-91. Retirado a 6 de Abril de 2011, de <http://137.140.1.71/jsec/articles/volume5/issue1/VallaVol5Iss1.pdf>.
- Verhuls, B., Lodge, M., & Lavine, H. (2010). The attractiveness halo: Why some candidates are perceived more favorably than others. *Journal of Nonverbal Behavior*, 34, 111-117. doi: 10.1007/s10919-009-0084-z.

Visher, C. A. (1987). Juror decision making – The importance of evidence. *Law and Human Behavior*, 11 (1), 1-17. doi: [10.1007/BF01044835](https://doi.org/10.1007/BF01044835).

## **Anexos**



### **Estudo sobre a inferência de características sociais a partir da face humana**

#### Descrição do Estudo:

Este estudo insere-se no âmbito de uma tese de Mestrado em Psicologia Forense da Universidade de Aveiro, orientada pela docente Isabel Santos, e tem como objectivo avaliar a inferência de diversas características sociais a partir da face humana.

Vai visualizar um conjunto de caras e ser-lhe-á pedido que avalie cada uma dessas caras em várias características sociais. A avaliação das várias características terá lugar em momentos diferentes.

- Os dados recolhidos serão utilizados unicamente para **fins de investigação científica**, e tratados apenas de forma colectiva, não tendo significado individual.
- Os investigadores comprometem-se a garantir **total confidencialidade** sobre os dados fornecidos pelos participantes.
- A sua participação neste estudo é **inteiramente voluntária**. Se em qualquer momento resolver desistir, após ou durante a realização da tarefa, poderá fazê-lo sem qualquer problema, e nenhuns dados ficarão registados.

### **CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_  
declaro que fui informado(a) sobre os objectivos do estudo e sobre a tarefa a realizar, e que aceito participar voluntariamente. Permito que os meus dados sejam utilizados para o estudo em causa, desde que seja garantida a confidencialidade dos mesmos.

Data de Nascimento: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

ASSINATURA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

A Investigadora: \_\_\_\_\_





Nº Participante ( \_\_\_\_\_ )

**Estudo sobre avaliação dos intervenientes em situações criminais**Descrição do Estudo:

Este estudo insere-se no âmbito de uma tese de Mestrado em Psicologia Forense da Universidade de Aveiro, orientada pela docente Isabel Santos, e tem como objectivo estudar os processos de julgamento presentes em situações criminais. Para o efeito, vão-lhe ser apresentadas em papel descrições de dois crimes reais, bem como o depoimento da vítima de cada um desses crimes. Para cada crime, vai depois visualizar em computador um conjunto de caras e ser-lhe-á pedido que responda a algumas questões relativas a cada cara.

Por favor, note que:

- Os dados recolhidos serão utilizados unicamente para fins de investigação científica, e tratados apenas de forma colectiva, não tendo significado individual.
- Os investigadores comprometem-se a garantir total confidencialidade sobre os dados fornecidos pelos participantes.
- A sua participação neste estudo é inteiramente voluntária. Se em qualquer momento resolver desistir, após ou durante a realização da tarefa, poderá fazê-lo sem qualquer problema, e nenhuns dados ficarão registados.

**CONSENTIMENTO INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_  
declaro que fui informado(a) sobre os objectivos do estudo e sobre a tarefa a realizar, e que aceito participar voluntariamente. Permito que os meus dados sejam utilizados para o estudo em causa, desde que seja garantida a confidencialidade dos mesmos.

Idade: \_\_\_\_\_ DN: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: ☐ Masculino ☐ Feminino

Universidade: \_\_\_\_\_ Curso: \_\_\_\_\_

ASSINATURA: \_\_\_\_\_ DATA: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

A Investigadora: \_\_\_\_\_

## CRIME 1

## **Descrição do CRIME 1**

Uma mulher foi assaltada e agredida numa das ruas secundárias da cidade. O assalto ocorreu cerca das 04.00 horas da madrugada de ontem, numa caixa Multibanco. O assaltante ameaçou a vítima com uma arma branca, tendo-a ferido depois com alguma gravidade na zona abdominal. A vítima teve que receber assistência hospitalar. Posteriormente apresentou queixa à Polícia de Segurança Pública (PSP).

O assaltante colocou-se em fuga, tendo sido aberto um processo de investigação.

## **Depoimento da vítima do CRIME 1**

Tudo aconteceu na passada segunda-feira, estava eu numa caixa multibanco numa rua transversal à discoteca onde tinha passado umas horas a divertir-me com umas amigas minhas. Decidi ir mais cedo para casa e quando saí fui sozinha à caixa multibanco porque precisava de levantar dinheiro para ir de táxi para casa, até porque já tinha bebido um pouco demais. No percurso desde a discoteca até lá não me cruzei com ninguém, mas quando estava a efectuar o levantamento na caixa aparece repentinamente um indivíduo encapuzado, com uma navalha na mão que me encosta à barriga, e que me disse: “Levanta o máximo que a máquina dá, e dá-me já o dinheiro rapidamente”. Eu fiz o que ele disse, mas comecei a gritar com os nervos, e ele agarrou-me na mão e tirou-me o dinheiro. Depois acrescentou: “Tira o relógio, tira o relógio”. Enquanto estava a tirar o relógio apareceu alguém no início da rua, e eu comecei a gritar ainda mais. Quando ele olha e vê que vinha alguém a correr na nossa direcção agrediu-me na barriga com a faca ou navalha que tinha na mão e desatou a correr. Quando vi sangue na minha camisa desmaiei. Mais tarde vim a saber que foi a pessoa que apareceu que me prestou socorro e chamou o INEM.

## **CRIME 2**

## **Descrição do CRIME 2**

A polícia deteve um falso médico, acusado de violar 40 mulheres, às quais ofereceu a realização de cirurgias estéticas a baixo custo através do Facebook. O detido, confessou ser responsável por 25 das 40 violações e foi capturado, num Centro Comercial, na companhia de uma nova vítima, que tinha conhecido pela Internet.

O falso médico pertencia a um perfil de uma Clínica Privada no Facebook. Marcava encontros em estações do Metropolitano, onde se identificava como médico cirurgião. Concretizado o encontro convidava as mulheres a tomar um café e introduzia um sedativo na bebida, levando-as depois para um quarto de hotel onde as violava, tirava fotografias e gravava um vídeo, exigindo depois dinheiro para que esse material não fosse divulgado pela Internet.

## **Depoimento da vítima do CRIME 2**

Certo dia uma amiga minha, que sempre soube do meu desejo de fazer implantes, sugeriu que adicionasse pelo Facebook uma clínica especialista em cirurgias estéticas, que apresentava preços imbatíveis. Adicionei-a e comecei logo a trocar mensagens com um médico que dizia que lá trabalhava. Ele sugeriu que lhe enviasse fotos do meu rosto, corpo e peito. Achei perfeitamente natural e enviei as tais fotos. Dias depois, ele marcou um encontro numa estação do Metropolitano. E assim foi, encontramos-nos na tal estação e depois fomos tomar café ali perto. Conversámos durante algum tempo e explicou-me tudo muito bem sobre os implantes. Cerca de uma semana depois ele contactou-me a perguntar se queria ir a uma conferência que iria ocorrer num hotel sobre implantes mamários. Eu respondi-lhe imediatamente que sim e nesse dia fui ter ao hotel. Quando cheguei encontrei-o a tomar uma bebida no bar, convidou-me a sentar e disse-me que a conferência estava atrasada. Perguntou-me então se tomava algo, tendo aceitado tomar uma água; ele levantou-se e foi ao bar buscá-la. Ficámos a conversar e passado algum tempo comecei a sentir algumas tonturas. Convidou-me a subir ao seu quarto para me medir a tensão e eu aceitei. Pelo caminho dizia-me que ia ficar muito bonita. Lembro-me de me sentar na cama e pouco mais. Só mais tarde, quando acordei sozinha, é que percebi o que me tinha acontecido. Mas ainda hoje, não me recordo de mais nada.